

## *Que língua é essa? Anotações dialógicas sobre o ensino de língua portuguesa em contexto escolar indígena*

### *What language is it? Dialogical notes on portuguese language teaching in indigenous school context*

Márcia Aparecida Rodrigues e Silva<sup>1</sup>  
Urbano Cavalcante Filho<sup>2</sup>

#### RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir a(s) concepção(ões) de língua presente(s) no ensino de língua portuguesa no contexto escolar indígena, a partir da visão e falas das docentes indígenas (pertencentes à etnia Pataxó) que atuam nos Anos Finais do Ensino Fundamental da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, localizada em Santa Cruz Cabralia, na Bahia, Brasil. A partir de uma análise discursiva decorrente de entrevistas feitas às professoras que têm o português como 1ª língua, foi possível observar qual(is) a(s) concepção(ões) dessas docentes sobre língua que possivelmente norteiam o ensino de língua portuguesa no contexto indígena. A chamada Análise Dialógica do Discurso (ADD) constitui o principal aparato teórico da pesquisa. Os resultados do estudo apontam que: i) as docentes indígenas percebem a língua portuguesa como um instrumento necessário para que a comunicação social aconteça, marcando também a presença da língua indígena no processo; ii) as professoras compreendem a língua enquanto processo de interação pelo prisma sociológico, uma vez que valorizam aspectos históricos, culturais e identitários.

**Palavras-chave:** Concepções de língua/linguagem. Círculo de Bakhtin. Escola Indígena.

#### ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the language understanding present in Portuguese language teaching in the indigenous school context, from the vision and speeches of indigenous teachers (belonging to the Pataxó ethnicity) who work in the Final Years of Elementary School from the Pataxó Coroa Vermelha Indigenous School, located in Santa Cruz Cabralia, Bahia, Brazil. Based on the analysis of the discourse resulting from interviews with teachers who speak Portuguese as their first language, it was possible to observe the understanding of these teachers about the language that possibly guides the teaching of Portuguese in the indigenous context. The so-called Dialogical Discourse Analysis (DDA) constitutes the main theoretical apparatus of the research. The results of this work indicate that: i) the indigenous teachers perceive the Portuguese language as a necessary instrument for social communication to take place, also marking the indigenous language presence in the process; ii) the teachers understand the language as a process of interaction through the sociological prism since they value aspects of history, culture, and identity.

**Keywords:** Language Understanding. Bakhtin Circle. Indigenous School.

<sup>1</sup> Docente da Rede Municipal de Ensino de Santa Cruz Carbália-BA. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Ilhéus/BA, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5926-5666>. E-mail: [mmar25@gmail.com](mailto:mmar25@gmail.com).

<sup>2</sup> Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e do Instituto Federal da Bahia (IFBA Campus Ilhéus). Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Ilhéus/BA, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1429-5300>. E-mail: [urbano@ifba.edu.br](mailto:urbano@ifba.edu.br).



## 1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, propomo-nos a analisar a concepção de língua presente no ensino de Língua Portuguesa no contexto escolar indígena na aldeia Pataxó, localizada em Coroa Vermelha/Santa Cruz Cabralia, no sul da Bahia. Levando em consideração que a Língua Portuguesa (doravante LP) ocupa o status de 1ª língua na referida comunidade, interessou-nos saber, a partir da análise do discurso das docentes da escola estudada, qual é a relevância da LP no processo de ensino-aprendizagem, bem como a concepção das professoras indígenas sobre língua, enquanto elemento norteador de sua prática docente.

Do ponto de vista teórico, na primeira seção, intitulada “Língua(gem): um objeto, diferentes concepções”, trazemos uma discussão sobre as concepções de língua(gem), com respaldo nas reflexões empreendidas pelos teóricos do Círculo de Bakhtin, com destaque para Valentin Volóchinov, em sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Assim, denominamos as subseções dessa primeira parte do artigo: i) a língua como expressão do pensamento; ii) língua como instrumento de comunicação social e iii) a língua enquanto processo de interação discursiva.

Já na segunda parte do artigo, apresentamos e analisamos os discursos proferidos pelas docentes entrevistadas sobre o ensino de português, no contexto indígena, evidenciando qual é a percepção de língua que as professoras apresentam, correlacionando-as com a(s) concepção (ões) de língua exploradas na primeira seção do artigo. Também, organizamos algumas reflexões sobre a noção de língua das docentes, com ênfase ao que há de comum nas falas delas. O artigo finaliza com as considerações finais, seguidas das referências utilizadas no estudo.

Do ponto de vista metodológico, ancorados numa abordagem qualitativa, empregamos duas técnicas: de um lado, o estudo bibliográfico através da fundamentação teórica com vistas a iluminar a pesquisa; de outro, a realização de entrevista para analisarmos a concepção de língua que norteia o ensino de Português, a partir da materialização do discurso nos enunciados proferidos por professoras que atuam na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, lócus onde foi realizada a investigação.

Quanto ao procedimento interpretativo-analítico, orientamo-nos na proposição teórico-metodológica da chamada Análise Dialógica do Discurso – ADD, (cf. BRAIT, 2018), levando em consideração importantes elementos da constituição do discurso, tais como responsividade e relações dialógicas. Dessa forma, ao analisarmos os discursos das docentes materializados nas respostas a





perguntas feitas sobre o ensino de Português na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, buscamos compreender qual é o entendimento que as professoras têm de língua(gem). Assim, observaremos o quanto essa compreensão se aproxima ou se distancia das concepções de língua(gem) apresentadas na discussão teórica.

Ao considerar que essa concepção de língu(agem) norteia a prática pedagógica das docentes no ensino de Língua Portuguesa, justificamos ser um estudo relevante porque trazemos as reflexões das docentes indígenas sobre o ensino de LP no contexto Pataxó, tendo em vista que a língua(gem) é um elemento essencial para que se estabeleça o processo comunicativo (oral e escrito) e a interação entre os sujeitos que vivem em sociedade, sociohistoricamente situados. É por meio da língua(gem) que ocorre a interação social e marca a relação entre os indivíduos, sua identidade, ideologia e sua cultura. Esses aspectos têm relação estreita com o processo ensino-aprendizagem, o qual dar-se, primordialmente, por meio da linguagem verbal.

## 2 A LINGUA(GEM): UM OBJETO, DIFERENTES CONCEPÇÕES

Sabemos que a língua(gem) constitui uma presença constante em todos os contextos nos quais estamos inseridos desde que nascemos. Por seu intermédio, é que nos constituímos como sujeitos sociáveis, bem como, por meio dela, é que se promove o nosso processo de comunicação e interação com o mundo.

De acordo com Geraldí (2002), a forma de conceber a linguagem é um dos aspectos básicos adotados pela Linguística, quando focamos no ensino de língua materna, pois é a partir da definição do objeto língua que serão concebidas e delineadas as práticas pedagógicas exercidas pelos/pelas docentes. Corroborando com tal reflexão, Campos (2014, p. 23) destaca que “as noções que o professor tem a respeito da língua e linguagem exercem um alto grau de influência em sua atuação em sala de aula”. Por sua vez, Antunes (2009) apregoa que o desenvolvimento das práticas pedagógicas dependerá do conjunto das concepções que os/as docentes têm.

### 2.1 A língua como expressão do pensamento: o prisma do subjetivismo individualista

A língua concebida como expressão do pensamento é a primeira vertente sobre a qual Volóchinov ([1929] 2017), em *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, traz uma discussão e crítica. O autor a identifica a partir do prisma do





*subjetivismo individualista*, e explica que tal proposição, segue a orientação teórica dos estudos linguísticos de Humboldt (1767-1835).

Nessa concepção, a língua é uma atividade, um processo ininterrupto de criação, que se realiza por meio de atos discursivos individuais. A língua também é entendida como um produto pronto, como um sistema linguístico estável (dotado de vocabulário, gramática e fonética), representando, assim “[...] uma espécie de sedimentação imóvel, de lava petrificada da criação linguística, construída de modo abstrato pela linguística com o objetivo prático de ensinar a língua como um instrumento pronto” (VOLÓCHINOV, [1929] 2017, p. 148).

Segundo essa perspectiva, a língua se constitui como ato discursivo individual e criativo, de modo que a fonte da língua reside no psiquismo individual. Dessa forma, a criação linguística é constituída por leis individuais e psicológicas e a natureza social do enunciado não é considerada. Diante disso, uma criação linguística que resulte da expressão interior do falante desconsiderará os aspectos sociais, históricos e ideológicos.

Grillo (2018) explica que, ao priorizar os fatores psicológicos e elementos estilísticos individuais, essa concepção de língua conceitua a linguagem considerando apenas a dimensão monológica, pois está vinculada à expressão de particularidades do sujeito. No contexto citado, a linguagem depende da exposição do pensamento “interno” e/ou “particular” do indivíduo, desconsiderando, portanto, para a produção do discurso, tudo que for exterior. Assim, a língua(gem) viva em que estão implicados os sujeitos e a situação enunciativa não é valorizada pois são excluídos os fatores sociais e os interlocutores, partes constituintes da língua(gem) que exercem influência na constituição dos enunciados sob a forma falada ou escrita.

## 2.2 A língua como instrumento de comunicação social: o prisma do objetivismo abstrato

Volóchinov ([1929] 2017) também discorre sobre a perspectiva da língua concebida como uma ferramenta, com o propósito de estabelecer a comunicação entre os sujeitos. Por esse prisma, o objeto “língua” é cientificamente investigado e orientado pelo estudo normativo. Em tal perspectiva, a língua é entendida como ferramenta de comunicação essencial para que a interação ocorra.

Tal concepção de língua(gem) é nomeada por Volóchinov ([1929] 2017) como *objetivismo abstrato*<sup>3</sup>, cuja base está na perspectiva teórica de Saussure, para quem a língua é definida como um

<sup>3</sup> As raízes dessa tendência da linguagem estão fincadas no racionalismo do séc. XVII e XVIII, relacionadas com o cartesianismo. O racionalismo é caracterizado pela ideia de condicionalidade, arbitrariedade da língua e pela comparação





sistema de signos normativos, cuja finalidade é conferir-lhe um caráter autônomo com possibilidade de a estudarmos, enquanto objeto (VOLÓCHINOV [1929] 2017).

Dessa forma, o foco dos estudos específicos e científicos da língua no sistema linguístico é entendido como um conjunto de formas fonéticas, gramaticais e lexicais, elementos que “assumem” o papel de centro organizador de todos os fenômenos linguísticos. Esses elementos destacados constituem a norma para a construção de todos os enunciados, a ponto de unificar a língua e, ao mesmo tempo, possibilitar a compreensão da língua pelos sujeitos envolvidos na coletividade.

Segundo Volóchinov ([1929] 2017), ao assumir a perspectiva de linguagem pelo viés do objetivismo abstrato, o falante expressa um rompimento com o aspecto histórico da língua, o que culmina na desconsideração dos estudos diacrônicos. Tal concepção enfatiza a língua apenas no seu aspecto sincrônico, pois o interesse é saber “como” se dá o funcionamento desta língua, enquanto forma de comunicação entre os falantes em um determinado espaço de tempo.

### **2.3 A língua como processo de interação: o prisma sociológico**

Discorrer sobre a língua enquanto processo de interação nos leva a refletir sobre os mais diversos campos da atividade humana que estão ligados ao uso da linguagem (BAKHTIN, [1950-53] 2016). Tendo em vista que a linguagem, enquanto produto da atividade humana, também é uma prática social e cultural, afirmamos, com base em Volóchinov ([1929] 2017), que toda a relação do homem com o objeto exterior constitui-se na língua(gem) e por ela é constituído.

Mediante a utilização da língua pelo falante (locutor e interlocutor), variam-se as formas, sem, portanto, contradizer a unidade de uma língua. O uso pode ser constatado através da operação feita pelos sujeitos, na elaboração dos enunciados, bem como na constituição dos respectivos discursos proferidos por indivíduos, os quais interagem promovendo comunicação, em um mesmo grupo social. Desse modo, os sujeitos do discurso constroem, por meio da língua(gem), os enunciados, a ponto de que neles sejam refletidas as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas de comunicação: cotidiana, científica, religiosa, jornalística, dentre outras, nas quais estejam inseridos tais sujeitos.

---

entre o sistema da língua e o sistema matemático. Sob esse viés, o foco de estudo da língua estava na lógica interna do próprio sistema de signos, sendo comparada à álgebra, independente das significações ideológicas preenchidas pelos signos.





De acordo com Bakhtin ([1950-53] 2016), o processo de interação discursiva entre os interlocutores só se torna possível à medida em que eles se comunicam sempre por meio dos gêneros discursivos, direcionados especificamente para cada uma das esferas de comunicação: “cada enunciado particular é individual, mas cada campo da utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos *gêneros discursivos*” (BAKHTIN, [1950-53] 2016, p. 12, grifo do autor). Assim, a manifestação verbal, seja em sua forma oral ou escrita, requer uma organização por meio dos tais gêneros do discurso. Portanto, eles são fundamentais no processo de produção de textos, sendo responsáveis pelas formas diversas assumidas por um texto, as quais estabelecem relação com as formas variadas de uso da língua.

Ancoradas na perspectiva da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, Brito e Carvalho (2020, p. 8) ponderam que

[...] entre o discurso e o texto está o gênero. Este funciona como a materialização de uma prática social, ou seja, os gêneros são modelos sociais [...]. Nesse contexto, entra em voga também a noção de que toda linguagem é dialógica, pois existem vozes presentes nos textos; isto é, todo enunciado é uma resposta de um locutor para um interlocutor e vice-versa (BRITO; CARVALHO, 2020, p. 8).

Nessa concepção bakhtiniana de língua(gem), a interação discursiva constitui-se como a realidade fundamental da língua, e não o sistema abstrato de formas linguísticas, enunciado monológico isolado, ou ato psicofisiológico de sua realização, mas na qualidade de acontecimento social da interação discursiva decorrente de um ou de vários enunciados. Para isso, considera que o processo de interação social nem sempre se dá de forma harmoniosa, porque qualquer enunciado real, em maior ou menor grau, de um modo ou de outro, sempre “concorda” com algo ou “nega” algo. Isso porque os contextos estão sempre em estado de interação e embate tenso e ininterrupto.

Considerando isso, é importante afirmar que tal interação é promovida pela situação interlocutiva entre os interlocutores, por meio de enunciados, no qual ambos têm um papel ativo nessa relação, pois a materialização desses enunciados sempre gera uma resposta que precede uma réplica, a qual se dá em forma de compreensão e em uma atitude responsiva e ambas são ativas. Dessa forma, toda compreensão de um enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva, pois nosso processo compreensivo é sempre retroalimentado por resposta, a qual é gerada inevitavelmente pelo ouvinte que se torna falante e por si mesmo um respondente (VOLÓCHINOV, [1929] 2017).





O filósofo russo também destaca que os enunciados são unidades reais do fluxo de linguagem e que, para estudar as formas dessa unidade real, não podemos pensar os enunciados de forma isolada do fato histórico e social, pois sua totalidade é determinada por fronteiras que se encontram na linha de contato deste com o meio extraverbal e verbal, ou seja, com outros enunciados e seus respectivos contextos. Assim, o centro organizador de qualquer enunciado ou expressão não está no interior, mas no exterior, no meio social que circunda o indivíduo. Essa perspectiva também é assumida por Brito e Carvalho (2020), quando em seu estudo afirmam:

[...] o discurso é o enunciado ou texto produzido em uma situação de enunciação, determinado pelas condições históricas e sociais em que os sujeitos estão imersos. O enunciado é, portanto, uma unidade real da comunicação discursiva, já que o discurso só tem possibilidade de existir na forma de enunciados (orais e escritos) (BRITO; CARVALHO, 2020, p. 7).

Assim, pelo prisma sociológico, entendemos que a língua é viva e se forma historicamente quando se promove a comunicação discursiva concreta. É pelo viés da interação discursiva que Volóchinov ([1929] 2017) propõe um método para o estudo da língu(agem) fundamentado nas formas e tipos de interação discursiva a partir da relação entre as condições concretas de produção e as formas de enunciados ou discursos verbais singulares entrelaçados com a interação da qual são parte.

A partir dessa discussão teórica sobre as concepções de língua(agem), analisaremos, na seção seguinte, os enunciados obtidos através de entrevistas realizadas com as três professoras indígenas da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha. Com base na análise desses enunciados, poderemos compreender qual a concepção de língua evidenciada nos discursos analisados e que norteia a prática pedagógica no ensino de Língua Portuguesa na escola supracitada.

### **3 O ENSINO DE PORTUGUÊS NA ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ DE COROA VERMELHA: CONCEPÇÕES DOCENTES SOBRE AS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA**

Entendemos que a percepção das docentes sobre a língua tem relação estreita com a inserção delas no contexto da escola indígena, pelo fato de elas lecionarem Língua Portuguesa (LP), como também por estarem implicadas numa relação de pertencimento étnico. Desse modo, as docentes indígenas participam diretamente das condições de produção da interação discursiva na comunidade em que ensinam a LP. Tal relação de pertencimento tem traços marcantes no discurso





das professoras, pois, a percepção de língua trazida pelas docentes, são acentuados os aspectos históricos, socioculturais e identitários, como observaremos na análise empreendida a seguir.

O procedimento analítico dos discursos das docentes<sup>4</sup>, partiu da seguinte pergunta: “Em sua concepção, como professora indígena, qual é a importância do Ensino de Língua Portuguesa para os alunos da comunidade?” A partir desse questionamento, analisaremos 4 enunciados proferidos pelas Professoras Indígenas, identificados pela sigla PI<sup>5</sup> numerados de 1 a 4:

#### Enunciado 1

**A língua portuguesa é a nossa língua oficial, então é muito importante não só para nós indígenas, mas como para qualquer cidadão brasileiro, têm que dominar a língua portuguesa, e especialmente os indígenas, porque antigamente nós lutávamos, a luta era física com arco e flecha, hoje a luta acontece no campo teórico por meio da linguagem, então a língua portuguesa é essencial para a sobrevivência, até porque antes, no começo da colonização, os portugueses usaram e fizeram uma gramática do tupi-guarani para poder dominar a gente, então hoje a gente usa a língua do colonizador para poder se manter como povo indígena. A gente pegou como se fosse a própria arma deles, o que eles usaram contra a gente, então hoje também temos que usar contra eles, vamos usar a língua do colonizador, dominar e ir à guerra (PI turmas 7º e 9º anos, 2019, destaque nosso).**

Compreendemos, a partir desse enunciado, que o uso da LP é reconhecido pelo sujeito da enunciação como necessário, devido ao fato de ser a língua utilizada de modo amplo para a comunicação, marcando, assim, a função social da língua(gem). A docente destaca a importância da LP não apenas à coletividade indígena, mas também extensiva para os demais cidadãos, por ser a língua oficial do país. Quando a docente reconhece a LP como oficial, apresenta o indicativo que, para ela, a LP se configura como instrumento de comunicação entre os indígenas, o qual precisa ser apropriado por eles.

Por conseguinte, tal apropriação requer dos falantes a compreensão que a LP possui uma identidade normativa a qual lhe possibilita a constituição dos enunciados, unificando a língua e, ao mesmo tempo, permitindo a comunicação entre os sujeitos envolvidos na coletividade. Tal percepção coaduna com a concepção de língua que Volóchinov ([1929] 2017) caracteriza como objetivismo abstrato.

Ainda sob a percepção da professora indígena, a língua também pode se significar como uma possibilidade de aquisição de condições de isonomia perante a sociedade como um todo. Isso pode

<sup>4</sup> Em 2019 foram realizadas as entrevistas com 03 professoras de língua portuguesa que atuam nas turmas de Ensino Fundamental Anos Finais (6º aos 9º anos), sendo todas elas pertencentes à etnia Pataxó e licenciadas em Língua Portuguesa.

<sup>5</sup> Utilizamos a sigla PI para referimo-nos às Professoras Indígenas, seguida das turmas em que tais docentes lecionam, em atendimento aos preceitos éticos da pesquisa sobre a preservação da identidade dos (as) participantes.





ser notado quando ela se reporta ao tempo histórico (“antigamente nós lutávamos, a luta era física com arco e flecha”), evocando e mobilizando, no ato criativo da língua(gem), os signos linguístico-ideológicos “arco e flecha”<sup>6</sup> próprios do grupo social ao qual pertencem a docente e os(as) alunos(as), trazendo à tona a significação de “embate” e “luta”. Ou seja, na argumentação da PI, são considerados sentidos e valores ideológicos próprios, embutidos nos respectivos signos, para impactar diretamente a produção do enunciado em questão.

Isso tem relação direta da língua com o processo histórico vivenciado pelos povos indígenas, pois rememora um tempo em que a inserção dos indígenas nos diversos espaços sociais só se concretizaria pelo uso da força física, fazendo um contraponto com a atualidade, ao ressaltar que “hoje a luta acontece no campo teórico, por meio da linguagem”. Essa posição enunciativa dialoga com a perspectiva de língua como processo de interação social, visto que a constituição do enunciado em questão se deu em contato direto com um fato histórico.

Dando prosseguimento à sua fala, a docente reafirma que, no início da colonização, “os portugueses usaram e fizeram uma gramática do tupi-guarani para poder dominar a gente” como estratégia para promover o ensino da LP nas aldeias. Entretanto, complementa que, atualmente, “a gente usa a língua do colonizador para poder se manter como povo indígena” e reitera que “pegou como se fosse a própria arma deles”.

Destacamos que o uso da nomenclatura “arma”, para referir-se à LP, dá um tom de aproximação com a noção de língua(gem) que norteia a percepção de língua da docente, entendida como ferramenta de comunicação social. Entretanto, percebemos que essa comparação da língua com “arma” também pode ser entendida como um mecanismo de interação e de luta, tendo em vista que o campo da linguagem se configurou e ainda se configura, nos tempos atuais, como lugar de disputa, resistência e poder. É por meio da língu(agem) que nos constituímos enquanto sujeitos e nos inserimos na sociedade.

No enunciado 2, a seguir, outra docente, discorre sobre o ensino de LP, enfatizando sobre o uso da referida língua como essencial no processo de inserção da escrita no contexto Pataxó, pois, atualmente, a partir da sua vivência na aldeia, ela percebe a LP como predominante. Contudo, ela destaca a existência da língua indígena, mais evidente na oralidade.

---

<sup>6</sup> Instrumento de defesa e de caça [...] antigamente, os Pataxó utilizavam os arcos para lutar caçar e pescar. Hoje, no entanto esse instrumento é utilizado na comunidade Pataxó para ser comercializado, decorar a casa e disputar torneios indígenas de arco e flecha. [...] para fazer um arco, ele deve ter a companhia das flechas, porque não se usa arco sem flecha e nem flecha sem arco. E as flechas são feitas com ponta de ossos para melhor perfuração (POVO PATAXÓ PATAXÓ, 2011, p. 79).





### Enunciado 2

A língua portuguesa é fundamental, **porque nós indígenas temos a nossa língua que é o Patxohã, mas sabemos que o português é muito importante para nós indígenas quanto à questão da escrita, como forma de comunicação com o não índio.** A gente sabe que **hoje o que vale é a escrita** infelizmente, **antigamente era a palavra, sua palavra tinha valor, mas hoje infelizmente o escrito que vale,** então dessa forma a **Língua Portuguesa tem muita importância, não só para nós indígenas,** mas para os outros também não indígenas (PI turma 6º ano C, 2019, destaque nosso).

De acordo com a fala da docente, podemos inferir que os aprendizes indígenas têm como justificativa para o aprendizado da LP a comunicação para a relação com seus pares e com as diferentes instâncias sociais, as quais lhes exigem saber ler, produzir e compreender os mais diversos gêneros discursivos. Notamos ainda que há uma supervalorização da língua(gem) escrita em detrimento da fala, quando ela argumenta que “hoje infelizmente o escrito é que vale”, assim, podemos entender o motivo da relevância da LP para os indígenas e não-indígenas.

A nosso ver, fala e escrita são igualmente importantes. Todavia, a visão da professora demonstra sofrer influência de uma cultura grafocêntrica, em que ocorre uma valorização maior da escrita do que da fala. Por esse viés, a escrita é entendida como forma de produzir conhecimentos, surgindo um processo de exclusão dos sujeitos que não dominam o código escrito. Esse fato pode ser compreendido quando notamos que a sociedade na qual vivemos “cobra” o tempo todo o uso da escrita, nos mais diversos espaços sociais em que estamos inseridos.

A respeito disso, é pertinente atentarmos para o fato de que, ao longo de nossa tradição de produção textual, desenvolvemos diferentes formas textuais, orais ou escritas, em conformidade com as diferentes finalidades sociocomunicativas. Convivemos mais com textos orais do que escritos, porque a oralidade é uma das características marcantes de nossa cultura.

Contudo, as relações sociais não estão limitadas às produções textuais orais, visto que a linguagem escrita possibilita a interação para além dessas produções, embora estejamos em tempos e espaços diferentes e distantes. A linguagem escrita nos permite o registro, aproxima-nos das visões de mundo e das relações sociais vivenciadas por indivíduos que escreveram sobre determinado tema e a leitura estabelece uma interação entre os sujeitos (GERALDI, 2002).

Segundo Bakhtin ([1950-53] 2016), o processo de interação entre os sujeitos acontece através do uso da linguagem presente nos mais diversos campos da atividade humana, sendo que a constituição dos enunciados orais ou escritos se concretizam por meio da utilização dos gêneros do discurso (primários e secundários). Para o filósofo russo, os gêneros primários são ligados às esferas sociais da vida cotidiana (da esfera familiar e dos encontros públicos etc.). Nessas esferas, podemos





encontrar o bilhete, a lista de compras, o telefonema particular, o convite de aniversário, a conversa em bar ou na rua, o cumprimento, dentre outros.

Já os gêneros secundários nascem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente desenvolvido e organizado. São eles que se constituem e medeiam as situações de interação das esferas sociais formalizadas e sistematizadas, como as esferas escolar, religiosa, científica, artística e jornalística. De forma prática, observamos a incidência de tais gêneros na esfera escolar (a exemplo da aula e do livro didático); na esfera religiosa (a encíclica e a oração); na esfera científica (o artigo científico e a tese); na esfera artística (o romance e conto) e na esfera jornalística (o artigo assinado e a notícia).

Percebemos, ainda, no enunciado 2, que a docente tem uma visão que poderíamos chamar “funcional e utilitarista” da língua, na medida em que seu entendimento sobre a língua está circunscrito na sua função e utilidade enquanto mero instrumento de comunicação social. Sua fala evidencia que, na modalidade escrita, a língua é vista como processo de interação na relação dos sujeitos com a sociedade. Vejamos, a seguir, no enunciado 3, a visão de outra docente:

### Enunciado 3

Por mais que a gente considere para nós Pataxós, o Patxohã como língua materna, mas a nossa primeira língua é a que a gente aprende a falar primeiro, e **atualmente a que a gente aprende a falar primeiro é a Língua Portuguesa**, então é uma língua que já é predominante, inclusive no ensino da educação escolar indígena. Então **A língua portuguesa é de suma importância** sim, inclusive nessa perspectiva que a gente tem de inserção na sociedade, [...] atualmente a gente tem feito uma releitura do uso da Língua Portuguesa, então hoje essa **ferramenta** já não é mais uma vilã para nós, mas é uma forma também da gente afirmar nossa identidade. A gente pode através da língua portuguesa **disseminar a nossa cultura**, através das **nossas narrativas, da nossa história, da historiografia, das memórias**, então em tudo isso a **Língua Portuguesa** se torna uma **aliada para comunicação**, tanto na escrita quanto na oralidade. **Se nós não colocarmos essa língua de uma maneira importante também em nossa escola, a gente acaba secundarizando algo que é importante** (PI turma 6º ano B, 2019, destaque nosso).

A PI evidencia em seu discurso qual é o status da LP. Apesar de identificar o Patxohã como a língua materna do Povo Pataxó, mais adiante, ela justifica ser a LP a 1ª língua, devido aos indígenas aprenderem a falá-la primeiro, nos tempos atuais. Além disso, ela também destaca a inserção dos sujeitos na sociedade por meio da língu(agem), revelando o pensamento de que tais sujeitos se constituem dentro das relações sociais, marcadas pela língua e pela alteridade. Tal expressão nos remete à concepção de língua apresentada na seção 1.3, pensada sob o prisma sociológico, quando refletimos que a língua enquanto produto da atividade humana é uma prática social (FREITAS,



2007), visto que toda relação dos indivíduos com o objeto exterior constitui-se na língua(gem) (VOLÓCHINOV, [1929] 2017).

A docente acrescenta, ainda, que o ensino da LP deve ser repensado como possibilidade para afirmação da identidade, valorização da cultura e da história indígena, quando ela reconhece que, por meio dessa língua, é possível “disseminar a nossa cultura, através das nossas narrativas, da nossa história, da historiografia, das memórias”. Observamos que a percepção de língua da professora é ampliada, quando ela realça em sua fala os aspectos históricos, culturais e identitários, ou seja, envoltos nos processos interacionais entre os sujeitos de uma comunidade.

Nesse sentido, compreendemos que a importância da LP é reconhecida pelo sujeito da enunciação, bem como está atrelada à perspectiva de inserção social, evidenciada no enunciado anterior, quando a professora explicita a necessidade de apropriação dessa língua, comum entre os demais falantes, sendo entendida, por ela, como ferramenta essencial para interação entre os sujeitos. Ou seja, na concepção da PI do 6º ano B, a língua assume variadas funções e relações com a vida, a sociedade, a identidade, a cultura e a história, presentes tanto na oralidade quanto na escrita, sendo ambas valorizadas.

Em sua fala, a docente também revela sua responsabilidade e comprometimento com o ensino da LP dentro do espaço escolar, ao afirmar que: “Se nós não colocarmos essa língua de uma maneira importante também em nossa escola, a gente acaba secundarizando algo que é importante”. Nesse sentido, é importante destacar que o objetivo da escola é levar o aluno ao domínio da escuta/leitura e da produção dos textos dos mais diversos gêneros que circulam nas diferentes esferas sociais, visando a inserção dos (as) estudantes nessas esferas, interagindo e atuando como sujeitos sócio-históricos. Por esse motivo, os gêneros do discurso das outras esferas precisam entrar na escola para se tornarem objetos de aprendizagem de leitura, escuta e produção textual nas aulas de LP (SILVEIRA; ROHLING; RODRIGUES, 2012).

Ainda, no enunciado 3, podemos notar que a docente expressa o uso da LP em prol de uma perspectiva de afirmação identitária do povo ao qual pertence. Entendemos que, a partir dessa posição da PI, a sua prática pedagógica em relação ao ensino de LP valoriza a constituição dos enunciados primando de modo responsivo e ativo pela oralidade, cuja característica marca fortemente a cultura indígena. Além disso, sua concepção de língua perpassa pela vivência da língua e pela relação valorativa dos falantes com o objeto do seu discurso, tendo em vista que as “narrativas orais” são bastante significativas para os indígenas, porque elas estão mais presentes na esfera social da vida (da esfera familiar cotidiana até os encontros públicos, etc.).



Dessa forma, a construção dos enunciados nessas esferas citadas respeitam e valorizam a língua(gem) da coletividade falante, menos formal e mais simples, evidenciando assim os gêneros discursivos primários. Bakhtin ([1950-53] 2016) explica que tais enunciados refletem as condições específicas, bem como as finalidades de cada uma das esferas de comunicação. Ou seja, os interlocutores no processo de comunicação assumem, em cada uma das esferas da comunicação discursiva, certos lugares sociais que vão exigir desses interlocutores a adoção de gêneros discursivos específicos, os quais devem estabelecer consonância com as finalidades ou intenções sociocomunicativas.

Entretanto, a fala da docente ainda aponta que, no momento que saímos das esferas socioideológicas cotidiana e escolar, para as esferas mais complexas (educacional, política, científica etc.), em que os aprendizes Pataxó estão/estarão inseridos, emerge a necessidade da utilização da LP também como mecanismo para que eles possam ocupar outros espaços sociais. Tal posicionamento da docente sinaliza que, por meio da língu(agem), é possível comunicar as questões de (re) existir e resistir.

Isso pode ser notado quando os sujeitos envolvidos no processo discursivo se utilizam de gêneros discursivos diversificados, como condição para ocuparem outras esferas sociais que exigem desses sujeitos, o desenvolvimento de outros tipos de língua(gem). Assim, observamos que a docente percebe que os modos de produção de língua(gem), seguem uma lógica própria de organização. Logo, o conhecimento dos gêneros é essencial para a inserção dos sujeitos/alunos em outros campos de produção cultural. No enunciado subsequente, a mesma docente complementa sua reflexão e traz esses elementos (em destaque):

#### Enunciado 4

**A gente sabe que a Língua Patxohã é muito importante para a formação identitária e está em processo de reconstrução o tempo todo, porque a gente não tem algo pronto, acabado, mas dependemos sim da Língua Portuguesa como primeira língua, para que haja esse processo comunicativo, e no ensino ela é de suma importância, pois é por meio dela que tudo acontece, então quando os alunos saem do ambiente da escola indígena e que vão para as universidades, tudo que ele vai ver é a partir da oralidade, do discurso, da sua fala, da forma como ele se coloca em relação às questões da contemporaneidade e também na escrita. Então se essa ferramenta não for bem manuseada e utilizada de maneira positiva, acaba vindo também uma discriminação nesses espaços, e os alunos não conseguem se encaixar nesses espaços. Então hoje a gente concebe a Língua Portuguesa como uma ferramenta fundamental nesses espaços também de luta e afirmação** (PI turma 6º ano B, 2019, desatque nosso).

Observamos que no enunciado (4) a professora destaca “a saída dos alunos” da esfera escolar para “a universidade”, marcando que as práticas de linguagem, às quais os sujeitos estarão expostos





nesse espaço, demandarão da utilização de gêneros discursivos de outros campos do conhecimento, nesse caso, o acadêmico-científico. E, por se tratar de outro espaço de interação social, ligado às atividades humanas de língua(gem) mais complexas, requer dos/das estudantes uma construção linguística que mobilize outros gêneros discursivos mais voltados à escrita, porque “tudo que ele vai ver é a partir da oralidade, do discurso, da sua fala, da forma como ele se coloca em relação às questões da contemporaneidade e também na escrita”.

Cabe pontuar que, assim como as demais esferas sociais, a escola tem seu repertório de gêneros do discurso, conhecidos como gêneros escolares. Eles se referem às práticas interativas que medeiam as diferentes situações de interação na esfera escolar como: aula, prova, seminário e exercício; é por meio deles que acontecem as interações do processo ensino e aprendizagem (SILVEIRA; ROHLING; RODRIGUES, 2012).

Essa argumentação da docente nos leva a compreender a esfera escolar como um espaço social em que a ideologia se assemelharia mais ao cotidiano, por se tratar de um campo familiar, íntimo e comunitário, mais próximo da vivência dos alunos indígenas, colocando em evidência a importância exercida pelos gêneros primários, que são mais simples e surgem espontaneamente em uma situação verbal. Já a esfera educacional pode ser percebida através das universidades como espaço em que circulam as ideologias mais complexas, dos campos científico e filosófico, as quais exigem dos/das estudantes o contato e domínio dos gêneros secundários.

Destacamos ainda no enunciado (4) que a docente acentua a utilização da língua nas esferas sociais distintas, para produzir enunciados que sejam adequados com cada uma das esferas de atuação desses sujeitos, considerando os interlocutores e a finalidade comunicativa. Esse posicionamento da docente dialoga com a posição de Carvalhaes (2018, p. 126) quando o autor salienta que “a prática de ensino na educação básica tem revelado a centralidade ocupada [...] pelo ensino de língua por meio da noção de gêneros do discurso”.

A nosso ver, a PI se coloca como sujeito responsável, que representa a voz social do grupo ao qual pertence, dando-nos indícios de que essa percepção exige das docentes de LP um fazer pedagógico comprometido com a função social da linguagem no contexto Pataxó. Essa percepção é reafirmada quando a docente argumenta que a saída do/a estudante indígena da escola para a universidade exigirá dele/a uma forma de padronização textual e discursiva, em cada campo de atuação, tendo em vista que “tudo que ele vai ver é a partir da oralidade, do discurso, da sua fala, da forma como ele se coloca em relação às questões da contemporaneidade e também na escrita”.



Também é possível notar o comprometimento da docente com o ensino da LP, quando ela complementa “se essa ferramenta não for bem manuseada e utilizada de maneira positiva, acaba vindo também uma discriminação nesses espaços, e os alunos não conseguem se encaixar”. Ou seja, a não adequação da língua(gem) a cada esfera social pode significar a exclusão desses sujeitos, de outros campos e esferas ideológicas, mais complexas, como é o caso da universidade, o que limitaria tais sujeitos apenas às situações comunicativas cotidianas.

No momento em que a docente enfatiza essa preocupação, entendemos que, a partir de sua compreensão sobre língua e seus usos o desenvolvimento das aulas de LP, terá em vista o que os aprendizes indígenas precisam adquirir enquanto competências linguísticas, para que sejam inseridos em outras situações sociocomunicativas, as quais exigirão deles o domínio de outras formas de uso da língu(agem).

Carvalhaes (2018) nos chama a atenção para o fato de que o domínio da língua tem uma relação estreita com a possibilidade de plena participação social dos sujeitos, pois é através dela que eles se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem os diversos pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo e produzem conhecimento. Desse modo, quando desconsideramos o aspecto social da língua, a comunicação fica reduzida a uma mera instrumentalização (o tal papel “funcional e utilitarista” da língua, conforme discutimos anteriormente).

### **3.1 Algumas reflexões sobre a língua(gem) em contexto educacional indígena**

Neste estudo, ao analisarmos os discursos das docentes indígenas, verificamos que as noções de língua que elas têm apontam para importantes questões, as quais acreditamos influenciar na prática pedagógica docente, coadunando com as reflexões de Geraldí (2002), Antunes (2009) e Campos (2014), já expostas na primeira seção. Nesse sentido, a seguir, fazemos algumas ponderações, a partir das concepções de língua já apresentadas e da análise das falas das docentes nos enunciados de 1 a 4.

I) No discurso das professoras, é predominante a utilização da terminologia “ferramenta” quando se referem à língua. No enunciado (1), aparece como arma para “se manter como povo indígena” e nos enunciados (3) e (4) a LP é percebida como instrumento de comunicação. Tais enunciados nos remetem à ideia de apropriação do código, como uma condição para que se estabeleça o processo de comunicação e de o registro. Esse pensamento aproxima-se da concepção





de língua pelo prisma da do objetivismo abstrato, explorada na terceira seção, devido ao uso da palavra “ferramenta”, muito próximo de uma percepção da língua como instrumento de comunicação, essencial para que o diálogo aconteça. Nessa perspectiva, o estudo da língua requer um processo de investigação e orientação para estudo das normas e estrutura.

II) A argumentação das docentes vem reafirmar que a interação social, presente nos diversos campos da atividade humana, só se concretiza mediante ao uso da língu(agem) valorizando a língua pelo prisma sociológico. Em decorrência disso, é necessário compreender que, mediante a utilização da língua pelo falante, variam-se as formas de língua(agem) sem, portanto, contradizer a unidade de uma língua. A discursivização da língua efetua-se sob forma de enunciados explicitados de formas variadas (orais ou escritos), os quais são proferidos por indivíduos que interagem comunicativamente num mesmo grupo social, na condição de integrantes de certo campo de atividade humana (BAKHTIN, [1950-53] 2016).

III) Todo o encadeamento discursivo ao longo das falas das professoras nos revela que a língua é percebida como processo de interação pelo prisma sociológico. São flagrantes os sinais de compreensão de língua vinculada aos aspectos sócio-históricos e ideológicos quando observamos o discurso das docentes nos quatro enunciados reafirmando a ênfase dada à LP. Contudo, foi ressaltada a língua indígena Patxohã, marcando, no contexto Pataxó, a coexistência de ambas. Atualmente, é a LP que lhes possibilita a disseminação da cultura, por meio das suas narrativas, história e memórias, sendo uma aliada para comunicação na oralidade e na escrita.

IV) Notamos que a docente do 6º C no enunciado 2 pontua que em sua visão há uma valorização maior da escrita. Contudo, a PI do 6º ano B nas falas expostas nos enunciados 3 e 4 evidenciam a importância da oralidade e escrita e a PI do 7º e 9º anos; o enunciado 2, não menciona haver “maior” ou “menor” relevância de uma dessas duas formas de linguagem citadas.

V) Nos enunciados 1, 2, 3 e 4, também notamos que o discurso das docentes é marcado pelo pertencimento identitário e pelo posicionamento responsivo, pois, enquanto sujeito do discurso, as docentes falam em nome da sua coletividade social, por meio dos sintagmas: “nossa língua”, “nós indígenas” e “a gente” marcando o pertencimento étnico delas ao povo Pataxó.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo perseguido neste artigo foi observar, a partir de uma entrevista realizada com professoras de LP de uma escola indígena baiana, as concepções de língua que alicerçam suas visões





e práticas docentes. Iniciamos a reflexões com uma abordagem teórica sobre as diferentes concepções e seguimos para a análise, para entendermos e explicarmos a temática que nos interessa.

A partir da análise discursiva empreendida neste estudo, observamos que a concepção preponderante presente na visão das professoras não evidencia elementos que nos permitam fazer uma aproximação/correlação com a concepção de língua enquanto expressão do pensamento, prisma do subjetivismo abstrato, conforme discutimos na seção 1, a partir de Volóchinov ([1929] 2017). Ou seja, nos quatro enunciados que exploramos, não constatamos, por trás das afirmações das professoras, indícios de que elas valorizem ou priorizem os fatores psicológicos e elementos estilísticos individuais em sua percepção de língua. De acordo com Grilo (2018), quando os elementos citados são priorizados, a concepção de língua está condicionada à uma dimensão monológica, não considerando o papel dos interlocutores na produção do discurso.

Percebemos que as outras duas concepções de língua(gem), igualmente apresentadas e discutidas nas seções 2 e 3, predominam na visão das três docentes entrevistadas. Assim, foi realçada nos discursos delas, a concepção de língua pelo prisma do objetivismo abstrato, em que a língua é tida como instrumento de comunicação social. Por esse viés, é necessário o domínio do código como condição basilar para aprendizagem da língua. Outra concepção claramente observada é a língua enquanto processo de interação discursiva, a qual considera as seguintes questões na constituição dos discursos: a relação entre locutor e interlocutor (ambos são ativos), a historicidade da língua, o signo ideológico, a vivência, os valores e as esferas sociais onde estão inseridos os sujeitos do discurso.

Nesse sentido, os discursos analisados nos sinalizaram que a concepção de língu(agem) das docentes abrange a dimensão interacional e discursiva da língua. Isso fica evidente na argumentação das docentes, quando elas definem o domínio dessa língua como uma das condições para a participação plena dos sujeitos em seu meio social. Logo, a língua não deve ser entendida como algo pronto e acabado, mas, sim, numa perspectiva de interação verbal, já que, tal concepção privilegia a relação com os demais sujeitos inscritos no evento discursivo. E é por meio da língua que todos os sujeitos interagem e se posicionam perante os demais em contextos sociais distintos, o que lhe exigirá sempre um papel ativo e responsivo na linguagem.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino:** outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.





BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 9-31.

BRITO, R. M.; CARVALHO, M. A. F. de. As contribuições da Linguística Textual nas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular para o ensino de língua portuguesa. **Diálogo das Letras**, v. 9, p. 1-16, 2020.

CAMPOS, E. P. de. **Por um ensino de gramática**: orientações didáticas e sugestões de atividades. Goiânia: Cãnone Editorial, 2014.

CARVALHAES, W. L. Gêneros do discurso e ensino: análise de um livro didático de português. **Diálogo das Letras**, v. 7, n. 2, p. 121 - 134, 2018.

FREITAS, M. T. A. Bakhtin e a Psicologia. *In*: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (org.). **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2007. p. 141-149.

GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

GRILLO, S. V. de C. Esfera e campo. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos – chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 133-160.

POVO PATAXÓ. **Inventário Cultural Pataxó**: Tradições do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia. Bahia: Atxohã / Instituto Tribos Jovens (ITJ), 2011.

SILVEIRA, A. P. K.; ROHLING, N.; RODRIGUES, R. H. **A Análise Dialógica dos Gêneros do Discurso e os Estudos de Letramento**: glossário para leitores iniciantes. Florianópolis: DIOESC, 2012.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

*Artigo recebido em: 15/11/2022*

*Artigo aprovado em: 22/12/2022*

*Artigo publicado em: 27/12/2022*

#### COMO CITAR

SILVA, M. A. R. e; CAVALCANTE FILHO, U. *Que língua é essa? Anotações dialógicas sobre o ensino de língua portuguesa em contexto escolar indígena*. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 11, p. 1-18, e02220, 2022.

